

QUE LUGAR OCUPA A GRAMÁTICA EM QUESTÕES DE LÍNGUA ESTRANGEIRA?

MARIA RUTH MACHADO FELLOWS

Acreditamos demais no poder da gramática. No estudo de língua materna ou no aprendizado de línguas estrangeiras, temos a sensação de estarmos permanentemente em dívida em relação a ela. Quantas vezes, em aulas de francês, ouvi de meus alunos que não adiantava fazer comparações com o português: “não sei nada de português!”, “não sei nada de gramática!”.

Esses episódios – que são recorrentes – sempre me causam muito desconforto. Como um falante da língua pode imaginar que não a domina? Tenho sempre a impressão de que uma força estranha o leva a identificar língua com gramática, provocando essa falsa ideia de desconhecimento de algo que lhe é absolutamente familiar. Precisamos acreditar que conhecemos nossa língua e que o estudo da gramática deve nos auxiliar a tomar consciência de seu funcionamento – funcionamento que conhecemos, mas que, se não fossem os estudos, a escola, não refletiríamos sobre ele. E quando se trata de uma língua que não conhecemos?

O trabalho com uma língua estrangeira certamente vai ocorrer com algumas diferenças em relação ao que realizamos em língua materna. Em primeiro lugar, não aprendemos nossa língua; pensamos sobre ela. Com a língua estrangeira, começamos do zero – do zero? Será mesmo que o que conheço de minha língua não pode me auxiliar no aprendizado de uma outra, sobretudo quando se trata de uma língua de mesma raiz, como é o caso da língua francesa para os falantes de português? E quanto à gramática? Acredito que é preciso colocá-la, ao longo desse aprendizado, no lugar dela.

Uma língua, qualquer que seja ela, não se limita a um código – ela é, portanto, muito mais do que um conjunto de letras que se combinam, formando palavras que, por sua vez, formam frases que, reunidas, produzem textos. Certamente, precisamos dominar esse código e seu funcionamento, o que significa que precisamos de sua gramática, se a entendemos como estudo dos fatos da linguagem escrita e falada e das leis que regem sua organização.

Cada um de nós tem um determinado objetivo quando se dispõe a aprender uma língua estrangeira. Alguns se lançam pela simples curiosidade, outros com interesses mais precisos como: ler, viajar, estudar... Há ainda aqueles que, mesmo não querendo, são submetidos ao estudo de outra língua integrante da grade curricular da escola. Mas, quando pensamos no Vestibular, nossos interesses se encontram em busca de um mesmo resultado: sermos capazes de compreender um texto escrito e encontrar as respostas às perguntas que nos são propostas. Falando de uma maneira mais direta: queremos “gabaritar” a prova. Escolhemos, então, a língua estrangeira do exame e... ao trabalho!

Muitas estratégias compõem os planos de trabalho, tanto de candidatos quanto de professores que os preparam. Leituras, exercícios, questionários, simulados... E, acompanhando isso tudo, a famosa Gramática – com G maiúsculo! Ficamos tão preocupados com a forma, que corremos o risco de esquecer que, por trás de um texto, encontra-se a voz de alguém que organizou suas ideias e se expressou utilizando-se de um código e suas normas.

Um texto escolhido para compor um exame deve respeitar as regras – e as exceções – e as particularidades da língua em questão. Portanto, precisamos conhecê-las. Mas o que um texto tem a nos dizer vai além de tudo isso. E, para que possamos compreendê-lo, também precisamos ir além – da gramática. Esta “senhora” – quase uma entidade! – tem de nos auxiliar nessa tarefa, assim como faz o autor no momento em que elabora seu texto. Ela lhe serve, para que ele possa dizer o que quer dizer. Um pequeno deslize pode causar um grande ruído na comunicação.

O leitor-candidato, por sua vez, também deve se servir dela, ou seja, precisa **conhecer** suas normas e particularidades, **para** fazer uma boa leitura do texto e ser capaz de responder às questões que lhe são propostas. É preciso conhecer para! Assim, de que adianta memorizar, por exemplo, todos os conectores e seus respectivos valores, se não for capaz de identificar a articulação estabelecida por eles entre ideias expressas em um texto? De que adianta saber conjugar os verbos em seus tempos e modos, se não for capaz de reconhecer suas situações de uso? De que adianta ter em mente todos os tipos de pronomes, se não for capaz de encontrar seus referentes? E nem estamos falando de vocabulário!

Como é difícil lembrar o significado de tantas palavras! Tarefa difícil para quem está se preparando e, para nós, professores, um grande desafio. Como ajudar nessa empreitada? Acredito que só haja uma saída: ler! Leiam textos da mídia, de literatura! A leitura é um dos possíveis contatos com a língua como ela realmente é – diferente daquela organizada e controlada nos manuais didáticos. É nesse momento que as palavras vão sendo impressas em nossa memória e, com elas, o seu significado, seu gênero, sua grafia, suas possibilidades de dizer. Além disso, a prática da leitura nos faz ler cada vez melhor.

Não podemos nos esquecer de que somos leitores em nossa própria língua e que, portanto, trazemos – deveríamos trazer sempre! – para a leitura de um texto em língua estrangeira toda a bagagem que possuímos em termos de estratégias e saberes. Um texto, muitas vezes, traz informações que ultrapassam as letras, por exemplo: a diagramação, os diferentes tipos e tamanhos de letras, às vezes, imagens. E todas as informações que se encontram fora do corpo do texto não devem passar despercebidas, sejam elas: título, subtítulo, fonte, autor. Cada detalhe da mancha gráfica precisa ser considerado em uma leitura que se quer eficaz.

Muito trabalho? Assim descrito nos parece bastante. Mas, se pararmos para pensar, é o nosso dia a dia no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. E o resultado desse trabalho precisa sair da sala de aula e se lançar em direção a novos horizontes. Fora dela, pode ser bem prazeroso: filmes, músicas, contos, romances, crônicas, histórias em quadrinho... muitas possibilidades! Atividades que não são, de forma alguma, perda de tempo de estudo.

E os exercícios de gramática? Eles não são importantes? Claro que são! Eles nos possibilitam consolidar as construções de uma língua que não é a nossa; eles nos ajudam a evitar erros e incoerências na elaboração de nossos discursos; eles nos permitem compreender o discurso do outro. O que estou tentando dizer é que eles devem nos servir; sua função está fora de sua realização. O estudo da gramática pela gramática não faz parte – não deveria – da preparação para o exame Vestibular. Aliás, acredito que não deveria fazer parte de nenhum trabalho com línguas, estrangeiras ou materna.

Outro dia, preparando uma aula, encontrei, no *Youtube*, uma conferência sobre o humor nas piadas produzidas em língua francesa na região do Magrebe. O mediador era um professor da Universidade de Rennes, se não me falha a memória, que, em sua fala de apresentação do professor estrangeiro – nome, currículo, ocupação –, faz uma pequena introdução ao que vai ser discutido naquele encontro: como os magrebinos usam os recursos linguísticos e culturais na produção do humor. Inesperadamente – pelo menos para mim – ele abre um parêntese e faz o seguinte comentário: segundo ele, deveríamos testar a competência linguística e cultural de alguém a partir de sua reação ao humor. E, em tom de piada – mas falando sério –, sugere que os exames de proficiência, em vez de conter questões baseadas em regras gramaticais, deveriam adotar o seguinte procedimento: o candidato se apresentaria diante de uma banca de professores e ouviria (ou contaria) uma piada. Se sua reação fosse o riso ou a gargalhada, estaria aprovado; caso não houvesse qualquer reação, reprovado. Confesso que, ao ouvir essa proposta, reagi com um sorriso, não só porque achei a ideia engraçada, mas também porque é sempre bom encontrar um professor que acredita que aprender uma língua é muito mais do que aprender um código a ser decifrado.

Palavras finais

Acho improvável que um dia esse formato de exame seja praticado, mas imagino que seria bem divertido. Adotar essa ideia no Vestibular, nem pensar! Imaginem a logística de um procedimento desse tipo! Além disso, nesse contexto, tem-se como objetivo avaliar a capacidade do candidato de ler, compreender e interpretar um texto escrito, visto que essa competência pode lhe ser bastante útil ao longo de seu percurso na universidade. Isso não significa, porém, que os textos escolhidos para o exame não possam nos fazer sorrir.

SOBRE A AUTORA

Maria Ruth Machado Fellows, Prof^a. Adjunta; Instituto de Aplicação / UERJ